

# A TEMÁTICA INDÍGENA NOS LIVROS DIDÁTICOS

*Data de aceite: 02/05/2024*

**Alana Lorrana de Santana Martins  
Ramos**

Aluno bolsista PIBID

**João Gabriel Policante**

Aluno bolsista PIBID

**Karine Isabela Vargas Navarro de  
Mattos**

Aluno bolsista PIBID

**Natanya Godoy da Silva**

Aluno bolsista PIBID

**Ailton José Morelli**

Prof. Depto de História– DHI/UEM

**Juliano Gualberto Ribeiro**

Prof. Supervisor PIBID

**RESUMO:** Percebendo a importância do livro didático para o processo de aprendizagem do aluno, iremos discutir como a cultura indígena é apresentada nesse instrumento de ensino. Levando em conta desde o início uma visão eurocêntrica já colocada nos primeiros planos de ensino no período colonial. Ao utilizar artigos científicos e nossa experiência com os alunos dos 6º anos, no qual tivemos contato durante o PIBID, verificamos o

manuseio do livro didático como fonte e a vivência dos alunos frente a essa temática. Que por vezes foi colocado como distante a nós, pois, em um momento onde o livro didático é a única fonte presente, cabe a ele apresentar de forma fidedigna certos aspectos, povos e variados assuntos concernentes com a realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Livro didático – eurocentrismo – ensino de história

## INTRODUÇÃO

PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), é uma valorização dos futuros professores em seu próprio processo de formação. O PIBID integra educação superior e educação básica, introduzindo os estudantes universitários no ambiente das escolas públicas. Assim, disponibiliza, por meio de processo seletivo, bolsas aos discentes matriculados em cursos de licenciatura em instituições de ensino superior, públicas ou privadas, que produz o projeto junto às redes de ensino. O PIBID é administrado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior). Segundo a CAPES, “os projetos devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica”.

## OBJETIVOS

O tema escolhido busca discutir a temática indígena nos livros didáticos, e como ao longo do tempo a sua abordagem foi mudando além da questão de se estudar a história dos povos indígenas. Para isso, pretendemos utilizar artigos científicos para nos habituar ao assunto. A dificuldade de abordar diferentes etnias nos livros didáticos, principalmente dos povos indígenas, é ressaltada por uma análise do livro. Os povos indígenas são mencionados e relacionados apenas a ervas, artesanatos e a pesca, como se a sua cultura e outras questões não existissem. São salientados no contexto da chegada dos europeus, e depois desaparecem do livro didático, não estando no período da república, no governo de Vargas e na ditadura, afinal, sua história, através do livro didático, começou e terminou no período colonial. Ainda nos dias atuais, o estudo que as escolas brasileiras ensinam está fundamentado nos grandes feitos, datas e grandes homens. Como se a história fosse construída apenas por pessoas que carregam um certo destaque, tendo em vista a importância de enfatizar o quão rico é a cultura indígena, e em como até os dias de hoje carregamos heranças indígenas. Diante disso, o nosso tema irá extrair das experiências que tivemos ao desenvolver trabalhos com o ensino fundamental do Colégio Estadual Alfredo Moisés Maluf, com o objetivo de relacionar o cotidiano deles com heranças indígenas, como nome de lugares, comidas e brincadeiras.

O projeto terá como base uma desmitificação inicial dos discursos narrativos que são possíveis de serem observados nos livros didáticos escolares dos anos fundamentais, analisando juntamente sua temporização e organização da temática da história indígena brasileira. Ao longo do tempo, após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, bem como o discurso de Ailton Krenak na Assembleia Legislativa para a formação da constituinte cidadã de 1988, os livros didáticos apresentavam em sua organização de conteúdos os fatos e fatos históricos que teriam um determinado objetivo. No entanto, as finalidades do porquê certo tema era abordado em relação a sua época, bem como o papel das escolas na formação dos alunos tendo em voga conteúdos selecionados que sejam diferentes da temática indígena não serão analisados nesse projeto, estando em aberto esses temas para uma pesquisa mais aprofundada com recolhimento de fontes históricas variadas.

## DESENVOLVIMENTO

O livro didático é um instrumento muito importante no processo de ensino e aprendizagem nas escolas públicas, em muitos casos, esse instrumento se torna indispensável para a construção e desenvolvimento do saber no ambiente escolar e em outros, ele atrapalha a visão criada pelos alunos a respeito da história das sociedades. Além disso, é possível notar que o livro didático sofre até hoje uma visão mais eurocêntrica sobre os povos indígenas, de grosso modo: todos os não brancos. Portanto, entendendo a importância do que esse material carrega, é necessário fazer algumas críticas em como ele tem sido construído. Pois o livro didático não é apenas um amontoado de informações, mas uma fonte que é capaz de influenciar o saber e as ideias. É importante ressaltar, que para muitos alunos que estão no ensino básico, esse recurso de leitura será o único lido, o que nos mostra o peso das informações nele colocadas acerca das diferenças étnicas.

Ao acompanhar a sala de aula, por meio do PIBID, notamos que logo no 6º ano os alunos já têm contato com as diversas culturas que existe entre os povos indígenas, entretanto, é necessário indagar: qual a visão que está sendo criada dentro das crianças? Pois, até os dias atuais vemos imagens estereotipadas dos indígenas nos livros didáticos, como pessoas que andam nuas e moram em ocas. Apesar da proposta que o MEC (Ministério da Educação e Cultura) tem sobre abordar dentro dos livros as diferentes culturas e etnias, e visão passada é ainda estereotipada e preconceituosa do modo europeu do século XVI. Como consequência, acaba sendo essas representações encontradas nos livros didáticos de História do Brasil como instrumentos para o processo de aprendizagem (SOUZA, 2015). Estudar e defender a importância da inclusão de diversas etnias no ensino, é um modo de lutar contra àqueles que se colocam e tentam impor a sua visão de mundo sobre outros. Conforme Chartier (1990, p. 17), “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”.

Ao analisar o processo de integração do livro didático para a educação nacional, podemos ver a raiz do problema discutido anteriormente. Com o plano de ensino vindo direto de Portugal para o Brasil ainda no período colonial, os primeiros planos de ensino para o país, teve origem nos jesuítas, assim, havia um objetivo de formar a elite brasileira e, aos indígenas era destinado o ensino da religião católica. O que sugere uma intensa imposição cultural dos europeus nas demais culturas existentes no país, fomentando a ideia de que o Brasil era uma extensão do modelo português. E é possível perceber na historiografia uma tentativa contínua de acabar com os atos “pagãos” e transmitir os modelos puros da religião e cultura lusitana. A partir do século XIX, foi que o Brasil começou uma organização oficial das instituições de ensino, que trazia livros da Europa e os traduzia para o português. Não eram poucas as pessoas que consumiam esses produtos do exterior, quase nenhum da elite brasileira passava ileso nesse contato com a cultura europeia. Conforme Elza Nadai

(1992, p. 146) “[...] a base do ensino centrou-se nas traduções de compêndios franceses: para o ensino de História Universal, o compêndio de Durozoir; para a História Antiga, o de Caiz; e para História Romana, o de Durozoir e Dumont”. Com a vontade de escrever uma história nacional, a disciplina de História estaria fadada ao nacionalismo que daria origem também ao patriotismo, pensando na desenvoltura do Brasil após a chegada dos portugueses e a sua continuação. Diante disso, temos uma segregação das raças.

## CONCLUSÃO

Diante das questões elencadas, é finalizado, através de uma análise, como a temática indígena é apresentada nos livros didáticos. Percebe-se este manual de ensino alicerçado na temática de grandes heróis e seus feitos, ou até mesmo os grandes acontecimentos que perpassam a história e que agora é resgatado como forma de ensino de uma memória histórica. Desta forma, analisando o livro didático, percebemos que os povos indígenas são elencados superficialmente, ou seja, apresentado em duas folhas, e até menos, com uma introdução sobre a chegada dos portugueses aqui, posteriormente a presença dos povos indígenas, o processo de colonização e catequização, e por fim destacando o modo de viver com as comidas típicas, a produção do artesanato e a pesca. O desaparecimento deles depois desse processo no livro didático é notável, afinal, o livro não apenas nos conta o que ocorreu no passado, mas também tem o intuito de mostrar que a história continua viva, seja diretamente, como no caso dos povos indígenas, seja indiretamente através das fontes e crenças. Concluindo, existe sim presença da temática indígena nos livros didáticos, entretanto é ressaltado de uma forma muito vaga, principalmente se chegamos a comparar com outros temas, afinal, o que condiz um ser mais importante que o outro?

## REFERÊNCIAS:

BARBEIRO, Heródoto; CANTELE, Bruna; SCHNEEBERGER, Carlos. HISTÓRIA: de olho no mundo do trabalho, 1 edição. Editora Scipione, 2007. v. 1, cap. 5, p. 205-206

CAVALHEIRO, R. M.; COSTA, F. L. A temática indígena no livro didático. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. [S.l.: s.n.], 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/730-4.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

NADAI Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, nº 25/26, set. 92/ago. p.146.

SOUZA, Gleice Keli Barbosa. “Os esquecidos da história” e a lei 11.645/08:: continuidades ou rupturas? uma análise sobre a representação dos povos indígenas do Brasil em livros didáticos de história. Orientador: Gláucia Maria Costa Trinchão. 2015. 122 p. Dissertação (Mestrado em educação, sociedade e culturas) - Universidade Estadual de Feira de Santana Departamento de Educação Programa de Pós-graduação em Educação, Feira de Santana, 2015.